

Perspectivas de um framework para a gênese de um (meta-) paradigma pluralista na ciência econômica

Perspectives of a framework for the genesis of a pluralist (meta-)paradigm in economic science

Marcelo de Carvalho Azevedo Anache

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Faculdade de Ciências Contábeis e Administração de Empresas, Fundação Técnico Educacional Souza Marques (FTESM)

anache@ufrj.br

orcid.org/0000-0002-8291-576X

Luiz da Costa Laurencel

Faculdade de Administração e Finanças, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

luizlaurencel@gmail.com

orcid.org/0000-0002-6167-5648

Carlos Benevenuto Guisard Koehler

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

cbgk@uol.com.br

orcid.org/0000-0001-5306-0603

Resumo. A partir da discussão da abordagem kuhniana de paradigma com insights da sociologia do conhecimento, esse artigo apresenta as perspectivas da construção de um framework para a gênese de um (meta-)paradigma pluralista na ciência econômica. Após uma introdução sobre o tema, descrevendo a importância do fenômeno do pluralismo na ciência econômica, o tópico seguinte aborda a ascensão do pluralismo e as terminologias da Economia Neoclássica e Heterodoxa. Em seguida, se discute a construção de um (meta-)paradigma, demonstrando que seu objetivo é suavizar o trajeto para uma prática orientada para o pluralismo. Ao final, a conclusão resumirá as principais questões apresentadas.

Palavras-chave: Pluralismo. Meta-paradigma. Framework.



Abstract. *Based on the discussion of the kuhnian paradigm approach with insights from the sociology of knowledge, this article presents the perspectives of building a framework for the genesis of a pluralist (meta-)paradigm in economic science. After an introduction on the topic, describing the importance of the phenomenon of pluralism in economic science, the next topic addresses the rise of pluralism and the terminologies of neoclassical and heterodox economics. Then, the construction of a (meta-)paradigm is discussed, demonstrating that its objective is to smooth the path towards a practice oriented towards pluralism. At the end, the conclusion will summarize the main questions presented.*

Keywords: *Pluralism. Meta-paradigm. Framework.*

Recebido: 01/10/2018 Aceito: 27/10/2018 Publicado: 05/11/2018

1. Introdução

Como contraponto ao dogmatismo instaurado na ciência econômica, alguns autores seguem questionando o predomínio do *mainstream*, com o objetivo de abrir espaço para as discussões geralmente heterodoxas, ao mesmo tempo em que promovem debates que questionam a forma com que o ensino e as pesquisas na Economia se organizam. Esses questionamentos, quase sempre, têm um viés pluralista como pano de fundo, em busca do reestabelecimento da conexão entre a teoria e a realidade, com o fito de que a ortodoxia ceda espaço às correntes excluídas, admitindo não apenas um espaço marginalizado para a heterodoxia, mas sim que é possível alcançar o objetivo final de atingir o que se denomina de “pluralismo das abordagens na Economia”.

É difícil conceituar pluralismo na Economia, mas em linhas gerais ele diz respeito à aceitação de que os fatos econômicos, por sua complexidade e interligação com fatores históricos, políticos, sociais, institucionais e ideológicos (e isso para não falar em questões comportamentais/psicológicas ou mesmo culturais e antropológicas dos agentes econômicos) devem ser tratados sob diferentes perspectivas analíticas, ganhando em variedade e profundidade de compreensão.

A ideia geral é uma busca por posições teóricas que sejam mais representativas da realidade (tanto da comunidade acadêmica, quanto do objeto estudado), que seja crítica à defesa de uma única corrente de pensamento econômico como o *mainstream*. E, por isso, de forma geral, o objetivo dos pesquisadores que defendem o pluralismo das abordagens na Economia não deve ser visto apenas como uma crítica em busca da compreensão de uma ciência econômica menos dogmática, mas também como recuperação da Economia com um caráter social, cujas competências dialogam com outras ciências humanas, tais como sociologia, psicologia e filosofia, numa abordagem interdisciplinar.

Mäki (1997) e Fernandez (2011) iluminam os debates sobre pluralismo quando apresentam a importância de diferenciar, conceitualmente, o pluralismo da pluralidade. E a diferença entre essas concepções sugere que pode haver pluralidade sem pluralismo: o que parece ser um cenário próximo do que a ciência econômica atravessa.

O conceito de pluralismo, acima elucidado, é complexo e muito debatido; o de pluralidade, no entanto, é bem intuitivo: é um conceito descritivo que expressa a existência de múltiplas e distintas opiniões. O pluralismo, em contrapartida, é um conceito normativo - como deveria ser o comportamento da economia. A pluralidade descreve a existência de várias posições sobre as mesmas questões, enquanto que o pluralismo aponta que a coexistência de diversas posições teóricas, cuja postura baseia-se no debate crítico, são características desejáveis no meio científico (MÄKI, 1997). Então, o pluralismo, enquanto conceito valorativo, afirma e defende que a existência de pluralidade é algo benéfico para o desenvolvimento científico (FERNANDEZ, 2011).

Considerando a economia como um espaço de pluralidade, de diversidade de teorias e métodos, é importante ressaltar que esse não parece ser um fenômeno exclusivo desta ciência e, mesmo válido também para as ciências naturais, é nas ciências sociais que a pluralidade é central. Isso não quer dizer que as ciências sociais não são objetivas, mas sim que a pluralidade está associada ao fato de advir de um aspecto construtivista.

2. A ascensão do pluralismo

O pluralismo é um termo chave no discurso atual da Economia Heterodoxa, enfatizando a necessidade de maior integração teórica e cooperação institucional de diferentes tradições econômicas. No entanto, tanto a natureza do pluralismo quanto o papel concreto atribuído ao pensamento pluralista para o desenvolvimento da Economia têm sido muito contestados, apontando para a falta de fundamentos conceituais.

A ascensão do paradigma neoclássico ao domínio sem precedentes no pensamento econômico foi acompanhado pelo crescimento paralelo da literatura sobre o pluralismo econômico, principalmente apresentado por escolas de pensamento econômico, que se viram cada vez mais marginalizadas. Na introdução de *Economic Pluralism*, Garnett, Olsen e Starr (2010) distinguem duas ondas de autores pluralistas. Enquanto a primeira onda (dos anos 1970 e início dos anos 1980) foi construída em torno de uma variedade de escolas heterodoxas de pensamento, amplamente desinteressadas uma pela outra, a segunda onda de autores (por exemplo, Fullbrook, 2009; Marqués e Weisman, 2010) engajou-se em noções mais integradas e pós-kuhnianas de pluralismo. Especificamente, Garnett, Olsen e Starr (2010) apontam para a petição de Hodgson, Mäki e McCloskey (1992) na *American Economic Review* como o ponto de virada nas discussões sobre o pluralismo. Assinada por 44 importantes economistas, essa petição pedia um novo espírito de pluralismo na economia, envolvendo conversas críticas e comunicação tolerante entre diferentes abordagens.

Tais apelos por reforma e pluralismo parecem ter se intensificado nos últimos anos, provavelmente devido à contestação dos fundamentos da Economia Neoclássica no final da última crise financeira global, e também a um crescente número de dissidentes dentro da corrente econômica dominante (COLANDER; HOLT; ROSSER, 2004). Terminologicamente, interpretamos a Economia Neoclássica como a teoria do núcleo dominador (“ortodoxo”) da Economia *mainstream*, embora reconhecendo que o compromisso com os princípios centrais da Economia Neoclássica varia no interior do *mainstream* e é menos intenso no - o que Colander, Holt e Rosser (2004) chamam - “limiar do *mainstream*”. Em contraste, tratamos a Economia Heterodoxa como uma coleção de diferentes escolas de pensamento não-neoclássicas que não são totalmente consistentes nem facilmente definíveis. Esta concepção terminológica não só permite explicar as “áreas cinzentas” (DOW, 2000, p. 157) entre diferentes tradições (*mainstream* ou não), mas também é, de um modo geral, compatível com uma ampla variedade de interpretações destes termos (DEQUECH, 2007–2008). Essa terminologia também se assemelha àquela empregada por Lavoie (2009), assim como por Dobusch e Kapeller (2009), que é baseada nos fundamentos conceituais apresentados por Roger Backhouse (2004).

No entanto, como a diversidade de contribuições em Garnett, Olsen e Starr (2010) mostra, o engajamento com o pluralismo paradigmático no metanível não levou a sugestões correspondentes (ou mesmo compatíveis) para a conduta pluralista da pesquisa. Por um lado, características institucionais como a avaliação da qualidade da pesquisa baseada em citações¹ podem ou não ser compatíveis com diferentes abordagens em relação ao pluralismo. Por outro lado, a lacuna entre as abordagens kuhniana e pós-kuhniana em relação ao pluralismo ainda prevalece nos debates atuais². É neste contexto que enxerga-se a necessidade de um quadro que permita o pluralismo na práxis de pesquisa, independente do contexto paradigmático. A ideia central de um quadro pluralista, portanto, apela não apenas a economistas heterodoxos ou dissidentes, mas, de fato, a todos aqueles que estão insatisfeitos com o domínio institucional e conceitual da Economia Neoclássica (embora não necessariamente com seu conteúdo).

3. A construção de um (meta-)paradigma

Geralmente, o termo “paradigma” - como famosamente invocado por Thomas Kuhn (1996 [1962]) - liga-se fortemente ao aspecto sociológico da investigação científica, onde diferentes disciplinas acadêmicas são percebidas como campos sociais específicos. O relato kuhniano tem sido criticado por uma variedade de razões, mais notavelmente por sua nebulosa conceitualização do que exatamente um paradigma é ou deveria ser. Masterman (1970) recolhe 21 diferentes categorias de uso anexadas a esse termo na

¹ Ver, por exemplo, Dobusch e Kapeller, 2009 e Kapeller, 2010.

² Ver para mais exemplos a edição especial de 2008 do *Journal of Philosophical Economics* sobre este assunto, editado por Andrew Mearman.

Structure of Scientific Revolutions de Kuhn. Assim, ou o termo “paradigma” é totalmente vazio, ou seu estado difuso na obra de Kuhn se deve ao fato de que ele aborda uma série de aspectos distintos mas conectados, todos relevantes para o surgimento de campos científicos como formas especiais de organização social. Nesse sentido, o termo paradigma perde suas conotações epistemológicas (por exemplo, a proposição de que paradigmas diferentes são conceitualmente incomensuráveis) e se torna um termo bastante descritivo (por exemplo, indicando que cientistas de diferentes tradições utilizam terminologias distintas, o que pode explicar a falta de compreensão inter-paradigmática³). Em outras palavras, a existência de um paradigma em tal entendimento tem implicações sociais, e não lógicas. Argumentamos que tal abordagem leva a uma concepção persuasiva de “paradigmas”, uma vez que o termo perde suas implicações normativas e metodológicas, mas se torna um termo positivo na análise social. Portanto, se subscreverá uma compreensão do termo como um conceito meramente descritivo, descrevendo cientistas e suas percepções como socialmente embutidas em uma certa filosofia ocupacional, assim fundindo a ideia kuhniana de paradigma com insights da sociologia do conhecimento (BERGER; LUCKMANN, 1966; GOULDNER, 1970).

Tal entendimento do que o termo deve significar para ser útil para a geração de insights está longe de ser um conceito simplista, mas vem com uma série de pressuposições divergentes - ainda que teoricamente e socialmente relevantes - que podem ser interpretadas como hipóteses sobre as restrições sociais enfrentadas por cientistas que operam em áreas paradigmáticas distintas. Em geral, um paradigma científico implica uma certa perspectiva teórica, que contém (entre outras coisas) aspectos ontológicos e teleológicos. Os pesquisadores, compartilhando tal perspectiva teórica, abrangem (a) uma série de proposições teóricas (dimensão axiomática); (b) uma série de imagens relacionadas, heurísticas e indivíduos importantes (dimensão metafórica); (c) um determinado conjunto de aplicações arquetípicas (dimensão prática); e (d) uma série de conceitos teóricos específicos (dimensão terminológica).

Esses aspectos bastante teóricos que implicam um conjunto compartilhado de categorias analíticas, por sua vez, dão origem a rotinas institucionais específicas. Estes são fenômenos emergentes, que surgem dos “estilos de pensamento” compartilhados, implementados pela perspectiva teórica comum dos praticantes de um paradigma (isto é, o “coletivo de pensamento” em Fleck, 1979). Embora essas rotinas tenham uma origem comum em certos “estilos de pensamento”, elas são em si mesmas constituídas como mecanismos sociais, muitas vezes na forma de instituições específicas ou códigos informais de conduta. Entre esses aspectos sociais de um paradigma estão (a) um conjunto compartilhado de instituições respeitadas (conferências, associações, periódicos acadêmicos, etc. - a dimensão institucional); (b) uma série de requisitos metodológicos básicos ou de métodos tipicamente aplicados (a dimensão

³ Ver também Dow 2004; Marqués e Weisman, 2010.

metodológica); e (c) uma concepção similar de padrões acadêmicos, pois eles afetam a qualidade percebida, a originalidade e a robustez empírica de um determinado argumento (a dimensão avaliativa).

Note que, em tal concepção do termo, diferentes paradigmas podem (mas não necessariamente irão) ser não-comensuráveis, devido a diferentes noções de teoria, qualidade e evidência. Além disso, a noção de mudança de paradigma é relaxada nesse contexto. Uma mudança de paradigma não mais implica a necessidade de uma mudança, mais ou menos, instantânea e simultânea de todas essas dimensões (uma "revolução", em termos kuhnianos), citadas anteriormente, mas permite uma mudança incremental e, portanto, a possibilidade de um desenvolvimento evolucionário. No entanto, se os desenvolvimentos paradigmáticos de fato imitarem processos dependentes de trajeto⁴, não será surpresa ocasionalmente se observar mudanças muito rápidas relacionadas a uma ou mais dessas dimensões. Assim sendo, é possível argumentar que uma abordagem tão pragmática do termo é aplicável à economia, e que a compreensão de paradigmas como fenômenos principalmente sociais poderia fomentar o surgimento de tendências mais pluralistas no pensamento econômico atual.

A partir dessa concepção de paradigmas é possível comparar diferentes tradições econômicas ao longo de determinadas dimensões. A saída de curto prazo deste procedimento é simplesmente uma visão pedagogicamente útil das diferenças incorporadas em várias tradições econômicas. No entanto, é razoável supor que o uso de tal comparação como uma diretriz conceitual facilita a consideração da "comensurabilidade" de diferentes paradigmas através de questões como: será que paradigmas diferentes se relacionam com objetos distintos ou similares? Seus pontos de vista teóricos ou implicações políticas conflitam, complementam ou coincidem? A terminologia específica da teoria deles pode ser traduzida para a linguagem dos outros? Em suma, com o intuito de iluminar o caminho de novas pesquisas, levanta-se a possibilidade da construção de um *framework* que possa sustentar a gênese de um (meta-)paradigma pluralista.

A fim de apreciar plenamente o que se entende por *framework* e evitar quaisquer equívocos, Popper (1994) afirma que um *framework* é um conjunto de pressupostos básicos ou princípios fundamentais de origem intelectual que formam a base subjacente para a ação. Assim, pode ser interpretado como uma estrutura que compreende entidades relevantes ou um conjunto de princípios e ideias orientadores que sustentam uma disciplina.

Portanto, tais questões não são úteis apenas na escala específica, mas também necessárias para o objetivo mais amplo de progredir no pensamento econômico.

⁴ Ver, por exemplo, Dobusch e Kapeller, 2009 e Sterman e Wittenberg, 1999.

4. Conclusões

De um modo geral, a literatura atual sobre pluralismo na Economia - bem como tentativas práticas de conduzir pesquisa pluralista e educação no campo - luta para integrar tradições individuais ou escolas de pensamento econômico sob um guarda-chuva pluralista comum. Nesse contexto, conjectura-se que um (meta-)paradigma pluralista poderia sintetizar a diversidade conceitual e metodológica das abordagens dissidentes em uma estratégia de pesquisa comum, levando a um único concorrente da Economia Neoclássica, que não necessitaria de um núcleo comum nem um inimigo compartilhado. Muito pelo contrário, seria o princípio do próprio pluralismo que deveria ser visto como a característica decisiva e coercitiva do paradigma. Assim, a ideia central por trás do (meta-)paradigma pluralista é que as idiosincrasias específicas de cada paradigma são substituídas de forma consciente e sucessiva por princípios pluralistas. Considera-se que as mesmas podem ser formuladas de maneiras não dogmáticas e ecumênicas e, portanto, adequadas para orientar futuras pesquisas da ciência econômica.

A partir das taxonomias formuladas por Dobusch e Kapeller (2012), entende-se ser possível, através do uso de um *framework*, propor a gênese de um (meta-)paradigma pluralista.

Por fim, resume-se em três argumentos o que se considera ser o principal “*core*” de um (meta-)paradigma pluralista como *framework* para o pluralismo desejado. Primeiro, o conceito poderia ajudar a sintetizar os “*puzzles* resolvidos” de diferentes correntes econômicas em um único corpus, onde tal concorrente da Economia Neoclássica poderia construir um potencial maior de explicação empírica do que qualquer linha de pensamento dissidente poderia surgir isoladamente. Esse argumento vale independentemente de uma “mudança de paradigma” ocorrer por meio de uma “revolução” espontânea ou de um processo “evolucionista” gradativo. Segundo, poderia fornecer às várias áreas do pensamento econômico, atualmente incluídas sob o rótulo de Economia Heterodoxa, uma rede muito mais ampla de periódicos e acesso a disseminação de artigos, levando a uma rede de citações muito maior. Dadas as tendências atuais na avaliação da qualidade científica - independentemente do que se possa pensar em um (meta-)paradigma pluralista, em geral - este é um imperativo estratégico para a sobrevivência da diversidade no pensamento econômico. Em terceiro lugar, tal quadro pluralista poderia dar origem a um único concorrente da Economia Neoclássica.

Portanto, dado o conhecimento obtido sobre paradigmas e seus desenvolvimentos históricos, a proposta de um (meta-)paradigma pluralista parece ser uma pré-condição para uma mudança mais fundamental na Economia à longo prazo.



Referências

BACKHOUSE, Roger E. A Suggestion for Clarifying the Study of Dissent in Economics. **Journal of the History of Economic Thought**, v. 26, n. 2, p. 261-271, 2004.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge**. New York: Doubleday, 1966.

COLANDER, David, HOLT, Richard P.; ROSSER, Barkley Jr. The Changing Face of Mainstream Economics. **Review of Political Economy**, v. 16, n. 4, p. 485-499, 2004.

DEQUECH, David. Neoclassical, Mainstream, Orthodox, and Heterodox Economics. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 30, n. 2, p. 279-302, 2007-2008.

DOBUSCH, Leonhard; KAPELLER, Jakob. Why Is Economics Not an Evolutionary Science? New Answers to Veblen's Old Question. **Journal of Economic Issues**, v. 43, n. 4, p. 867-898, 2009.

DOBUSCH, Leonhard; KAPELLER, Jakob. Heterodox United vs. Mainstream City? Sketching a Framework for Interested Pluralism in Economics. **Journal of Economic Issues**, v. 46, n. 4, p. 1035-1057, 2012.

DOW, Sheila C. Prospects for the Progress of Heterodox Economics. **Journal of the History of Economic Thought** 22, 2 (2000): 157-170.

DOW, Sheila C. Structured Pluralism. **Journal of Economic Methodology**, v. 11, n. 3, p. 275-290, 2004.

FERNANDEZ, R. V. G. A metodologia com argumento para uma economia pluralista in: **16º Encontro Nacional de Economia Política/ SEP**, Uberlândia (MG), 2011.

FLECK, Ludwik. **The Genesis and Development of a Scientific Fact**. Chicago: University of Chicago Press, [1935] 1979.

FULLBROOK, Edward. **Pluralist Economics**. London: Zed, 2009.

GARNETT, Robert; OLSEN, Erik K.; STARR, Martha. **Economic Pluralism**. London: Routledge, 2010.

GOULDNER, Alvin W. **The Coming Crisis of Western Sociology**. New York: Basic Books, 1970.



HODGSON, Geoffrey, MÄKI, Uskali; MCCLOSKEY, Donald. A Plea for a Rigorous and Pluralistic Economics. **American Economic Review** , v. 82, n. 2, p. XXXV, p. 1992.

KAPPELLER, Jakob. Citation Metrics: Serious Drawbacks, Perverse Incentives and Strategic Options for Heterodox Economics. **American Journal of Economics and Sociology**, v. 69, n. 5, p. 1376-1408, 2010.

KUHN, Thomas S. **The Structure of Scientific Revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, [1962] 1996.

LAVOIE, Marc. After the Crisis: Perspectives for Post-Keynesian Economics. Artigo apresentado no **Segundo Encontro Internacional da Associação Keynesiana Brasileira**. Porto Alegre, Brasil, Setembro, 2009.

MÄKI, U. The one world and the many theories. In: SALANTI, A. G.; SCREPANTI, E. (orgs.) **Pluralism in Economics: new perspectives in history and methodology**. Cheltenham: EAEPE & Edward Elgar, p. 37-47, 1997.

MARQUÉS, Gustavo; WEISMAN, Diego. Is Kuhnean Incommensurability a Good Basis for Pluralism in Economics? In: GARNETT, R.; OLSEN, E. K.; STARR, M. (eds.). **Economic Pluralism**. London: Routledge, p.74-86, 2010.

MASTERMAN, Margaret. The Nature of a Paradigm. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (eds.). **Criticism and the Growth of Knowledge**. London: Cambridge University Press, p. 59-89, 1970.

POPPER, K.R. **The Myth of the Framework: In Defence of Science and Rationality**. Routledge: London, 1994.

STERMAN, John; WITTENBERG, Jason. Path Dependence, Competition, and Succession in the Dynamics of Scientific Revolution. **Organization Science**, v. 10, n. 3, p. 322-341, 1999.